

FUNDAÇÃO DE PANORAMA (Reminiscências)

Nelson Noronha GUSTAVO FILHO

Aos 80 anos procuraremos evocar, em pinceladas largas, como foi fundada a cidade de Panorama, na Alta Paulista. Com o correr do tempo muitos fatos se perdem nas brumas da memória. Vêm à lembrança um tanto diluídos, levemente coloridos pelas tintas da saudade. Todavia, ainda que envoltos na neblina do passado, o essencial surge como os rochedos que apontam entre as ondas do mar. Sentimos, até hoje, o aguilhão da dor e as horas alegres que acompanharam a fundação da cidade. Não foi fácil como veremos. Só as forças telúricas que governam a alma humana podem explicar. Ei-la a história na sua simplicidade que nos revela que somos guiados pelo Fado, cumprimos o nosso Destino, nossa vida está marcada no Alto.

Assim começa a história calidoscópica. Em 1945 fundáramos com amigos diletos a Companhia Imobiliária Campineira, a maioria dos acionistas, cerca de 80%, era cliente do nosso escritório, pessoas muito ligadas a nós. Entre os acionistas figurava o Sr. Quintino de Almeida Mandonnet, cliente meu. Quintino, pouco tempo depois, procurou-nos com o convite para entrar numa sociedade que ele estava organizando para explorar madeira na Alta Paulista, às margens do Rio Paraná.

A sociedade ficou composta dos seguintes sócios:

Quintino de Almeida Mandonnet, Quintino de Almeida Mandonnet Filho, Artur Mandonnet, Julio Revoredo, Anibal de Andrade, José Ribeiro de Almeida, Guilherme Plichta, Guilherme Reddher e Nelson Noronha Gustavo Filho, o último como consultor jurídico.

Anibal de Andrade era oficial de gabinete de Prestes Maia, que foi prefeito em São Paulo, e contou o seu ingresso na sociedade.

O grande urbanista Prestes Maia era Conselheiro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e, ao tomar conhecimento, sugeriu que se fundasse nas terras a serem adquiridas, no lugar então conhecido como Porto Marrecas, um patrimônio, pois, ali seria construída a última estação da Companhia Paulista, separada de Mato Grosso pelo Rio Paraná.

Quintino aceitou a idéia e o próprio Prestes Maia se prontificou a traçar o plano da futura cidade, trabalho que levou praticamente um ano.

Neste interim foram construídos um hotel de madeira e uma serraria, que foram desmontados com a chegada da linha da Paulista.

Diga-se de passagem que as terras estavam registradas em nome de José d'Incau, farmacêutico em Presidente Wenceslau, e sofriam na Procuradoria de Terras de São Paulo, um processo discriminatório, pois, eram consideradas devolutas; era necessário legitimar a posse para obter o título do governo.

No dia da escritura, que seria de compromisso de compra e venda, com prazo de 5 anos, Julio Revoredo propôs que se lavrasse uma escritura definitiva de compra e venda, emitindo-se promissórias de responsabilidade da compradora, com aval do Presidente. José d'Incau aceitou, mas exigiu o nosso aval, pois, como Presidente da Companhia Imobiliária Campineira, tinha prática de loteamento.

Se não avalizasse os títulos daria uma demonstração que não confiaria no empreendimento, no Presidente, e acabei avalizando; e afinal todos os quotistas o fizeram. Infelizmente Quintino não tinha o capital alardeado para fundar o patrimônio. Nem crédito suficiente. Era uma aventura da parte dele. Em dois anos, mais ou menos, a sociedade estava quebrada, sem um lote ou sítio vendido.

A área tinha cerca de 2.700 alqueires de terras, com 30 alqueires de inverno. Uma área foi reservada para formação da cidade na forma do plano Prestes Maia e a outra seria vendida em chácaras e sítios.

José Ribeiro de Almeida, diretor comercial, era um homem fora da realidade, pensava em vender lotes nos Estados Unidos e Argentina. Não vendeu um lote sequer.

Impressionava-o que a planta da cidade fora elaborada por Prestes Maia, e discutida num congresso urbanístico nos Estados Unidos.

Prestes Maia recebia balancetes mensais e me manifestava temor pelo futuro da sociedade; eu procurava Quintino, e este parecia um Deus no Olimpo, nas alturas teria o poder de soluções mágicas. Até que um dia, ele me procurou em casa, confessando sua insolvência, já prevista. A situação era desesperadora. Eu tinha avalizado os títulos, era Presidente da Companhia Imobiliária Campineira, recém-constituída, os avais dos demais quotistas não tinham peso. Tomámos uma solução heróica, exigimos a saída de todos os quotistas, formei uma nova sociedade, assumindo a Presidência. A nova diretoria era formada por elementos representativos da sociedade de Campinas: Dr. Arlindo de Lemos, Presidente da Câmara Municipal de Campinas; Dr. Edmundo Barreto, advogado respeitado e de renome; Dr. Domicio Pacheco e Silva, engenheiro de inteligência aguda e com grande prática de loteamento; Dr. Vicente Silva, médico do Hospital Vera Cruz; João Brasio, corretor e meu íntimo amigo; Augusto Nadalutti, homem de ação e determinação; e Simão Podolsky, estudante de engenharia.

Conseguimos com um trabalho incansável ampliar o capital social com clientes de meu escritório, que subscreveram ações e com as entradas parceladas das subscrições e vendas de lotes urbanos, chácaras e sítios íamos amortizando a dívida de Panorama, que se venciam por horas e não por dias. Cada diretor avalizava um décimo dos títulos e eu todos. Foi um trabalho penoso, gigantesco, levou 15 anos, e ao mesmo tempo fomos abrindo as ruas, estradas e construindo os primeiros prédios.

O trabalho era árduo, os novos acionistas queriam saber onde ficava Panorama e a maior parte subscreveu as ações para ajudar o advogado amigo, foi uma demonstração de profunda solidariedade.

Lembro-me que Francisco Volpi me perguntou se os seus netos iriam receber dividendos. Respondi: os seus bisnetos. Ele sorriu e subscreveu.

Ficava tão cansado que muitas vezes, manifestando minha mulher vontade de ir ao cinema, eu me recostava na cama com capa e guarda-chuva na mão, enquanto ela se preparava, e eu adormecia profundamente com guarda-chuva na mão, ela não me acordava e assim amanhecia.

Foram 15 anos de luta, de sacrifício. Não tivéssemos nervos de ferro, fibras de aço, o empreendimento teria fracassado.

Só conseguimos pagar as dívidas desviando o trator adquirido para trabalhar na abertura de ruas e estradas em Panorama, para Campinas,

realizando aqui os mesmos trabalhos em loteamentos da Companhia Imobiliária Campineira.

Quando começamos a vender lotes em Panorama e receber as prestações, Juscelino construía Brasília, provocando inflação e as prestações perdiam a expressão monetária. Os Bancos não tinham interesse em fazer a cobrança e muitos sitiantes levavam anos para pagar as prestações dos sítios, alegando más colheitas. Não havia B.T.N. Não foi fácil.

E neste quadro tínhamos que construir os primeiros prédios em Panorama: casa da administração, casa de máquinas, compra de gerador de força, igreja, casa paroquial, hotel e outros.

O hotel foi construído por Amador Lombello, com a supervisão de Augusto Nadalutti, que foi muito dedicado e enérgico. Elemento decisivo nos primeiros anos. Construí, com recursos pessoais, uma cerâmica para fornecer tijolos e telhas para as primeiras construções, casa para o médico que trouxe do Rio de Janeiro, e uma casa para meu irmão Milton, que mais tarde seria Prefeito, e o diretor João Brasio construiu um prédio onde se instalou a Prefeitura Municipal e outro destinado ao comércio.

Os meus amigos demonstravam perplexidade; eu repetia ao Rodian Podolsky - que não se cansava de exteriorizar a sua admiração - um provérbio de Portugal: mais vale amigo na praça do que dinheiro em caixa. Podolsky, que numa tomou parte em qualquer diretoria, era um gênio comercial, e dava-me conselhos, orientação, e teve a idéia de organizar as caravanas para Panorama, interessando terceiros na compra de lotes. Trabalhámos 15 anos sem receber honorários, e as despesas de viagens pagas pelo nosso bolso. Conseguimos pagar todo o débito de Panorama, honramos os avais, e deixamos um exemplo aos filhos, e não desapontamos o grande urbanista Prestes Maia.

Tivemos a sorte de eleger como primeiro Prefeito de Panorama, Paulo de Arruda Mendes, que se tornou amigo de Jânio Quadros, então governador de São Paulo, e conseguimos obras importantes para o município: grupo escolar, posto médico, posto de puericultura, ginásio do Estado. Jânio Quadros nos perguntou sorridente e cético: o ginásio cabe em Panorama? Até uma Escola para Agricultura, para formação de capatazes, que não funcionou.

Para elevar Panorama a município trabalhou com muita eficiência o grande amigo Antonio Durão, fazendo recenseamento da população. Ele

tinha o dom de divisar moradores até na própria copa das árvores e apresentava um quadro de habitantes tirado de um algum livro de Kafka - a realidade andava casada com fantasmas, que eram portadores de títulos de eleitor. Foi um espanhol das Arabias. Arrendamos terras para aumentar a população. Muito nos ajudou na Assembléia Legislativa do Estado o deputado Rui de Almeida Barbosa, como Presidente da Casa, para elevação de Panorama a município.

Conseguimos no Ministério da Agricultura a criação da Colonia de Pescadores, e me lembro muito bem que o funcionário que deveria apresentar o relatório sobre a possibilidade de criá-la no então Porto Marrecas, quando lhe mostrámos o mapa do Estado de São Paulo, às margens do Rio Paraná, coberto de matas, teve um medo enorme de ser atacado por onças.

Foi uma hora divertida na repartição; o mesmo arregalava os olhos de tal forma que se tornaram do tamanho de um pires. O deputado federal Pedroso Júnior nos ajudou muito junto ao Ministério da Agricultura para este fim e para a instalação do Tabelionato em Panorama.

Prestes Maia, além da planta da cidade, previu a criação de um anel de chácaras a fim de propiciar alimentos para a futura cidade. E o restante dos 2.700 alqueires foram divididos em sítios, trabalho entregue ao agrônomo Emilio Noronha Figueiredo, que fez dois aniversários para receber os seus salários; a justiça começa por casa, era um nosso primo.

Ele dizia que Deus lhe poderia ter dado um primo mais liberal.

Cultivava-se então no município, naquela época, amendoim, mamona, algodão, arroz e um pouco de café, e criava-se nas ruas de Panorama muito cabrito, mais tarde surgiram invernadas, pois, os pequenos sítios foram desaparecendo, agregando-se uns a outros. É muito difícil, no Brasil, principalmente no sertão, a reforma agrária, com pequenos módulos, tudo no nosso país é dinâmico, nada é estável.

Tivemos contra-tempos, homens poderosos de Tupy Paulista lutaram para desviar o trajeto da Paulista para Paulicéia.

A colonização de Panorama não foi fácil: distava 180 quilômetros da última estação da Paulista, em Tupã, e o caminho depois de Dracena era constituído de trilho na mata.

Voltávamos de lancha pelo Rio Paraná até Porto Epiácio, aí seguia pela Sorocabana até Presidente Prudente, e voltávamos de avião até São Paulo, depois Campinas.

No percurso a paisagem era edênica: bandos de araras, de garças, graúnas, maitacas, pássaros pousados nas margens das ilhas que fugiam ao aproximar a lancha, macacos nas árvores, jacarés, capivaras, antas, veados. A quantidade de peixe era enorme.

Encontrávamos escafandristas pesquisando ouro no Rio Paraná, sonho dos bandeirantes atrás de riquezas imaginárias. E, às vezes, encontrávamos com bandidos, às margens do Rio Paraná, do lado de Mato Grosso, fugidos da Polfícia Paulista. Tinham fisionomias ameaçadoras.

As dificuldades foram enormes, a Paulista levou anos para chegar em Panorama, um acontecimento memorável, com a presença de Carvalho Pinto, do governador de Mato Grosso e do Presidente da Votorantim. Fizemos um discurso tão sentido, tão apaixonado, que o governador de Mato Grosso queria nos levar a Cuiabá para ajudá-lo nas suas campanhas polfticas.

Alguns visitantes percorreram o patrimônio de charretes, único meio de transporte existente na cidadezinha, além de um Ford lendário.

Falando da chegada da Paulista nos lembramos de narrar um incidente: tínhamos permitido que alguns nordestinos ocupassem precariamente a área do Porto, com a cláusula escrita de que sairiam assim que o Dr. Jaime Cintra, Presidente da Paulista, o solicitasse. Eles levantariam as barracas, sem direito à qualquer indenização pois a posse era dada a título precário.

Quando o Dr. Jaime Cintra solicitou-nos a entrega do Porto, com exceção de um, os demais se recusaram a devolver os lotes, alegando que eram terrenos da Marinha. Fomos obrigados a entrar em Juízo, com uma medida possessória, mas o Juiz da Comarca que estudava no Fórum russo numa gramática inglesa-russa, declarou-me que era contra o progresso, que conseguisse a minha pretensão no Tribunal, em recurso.

Fiquei, no momento, desorientado. Mas os fatos evoluíram em meu favor: ele fora convocado para substituir o juiz de Jundiá, isto depois da audiência marcada em Panorama e, eu, dias antes, fui a Jundiá solicitando ao juiz que estivesse em Dracena no dia da audiência. Ele alegou que todas as passagens da estrada de ferro estavam esgotadas, propús levá-lo de avião, recusou alegando que sua senhora não viajava de avião, então pús o meu carro à sua disposição e nele viajaria um funcionário da Prefeitura de

Panorama, meu amigo particular, conhecidíssimo no patrimônio. Sai na frente e chegando à Dracena com bastante antecedência disse aos posseiros que estavam reunidos na frente do Fórum que era melhor fazerem um acordo comigo: o juiz chegaria em seguida com o meu carro acompanhado do Julio Barata, meu funcionário. Ficaram assustados e recebendo uma quantia razoável (que lhes não era devida) levantaram as barracas.

Só um conhecido por Paraíba fizera um acordo comigo, muito vantajoso para ele, dizendo com humor: briga de rico com pobre é o mesmo que corrida entre cavalo e jumento. As dificuldades foram imensas, não tivéssemos pulso de ferro, nervos de aço, a empresa teria malogrado. Muitas vezes levantava vôo de "teco-teco" do Campo dos Amarais, em Campinas, para descer dentro do patrimônio num campo de aviação improvisado junto ao córrego Marrecas.

Lembro-me que nos foi muito difícil comprar um trator para abertura de ruas e caminhos vicinais. Trator não era encontrado em nenhuma praça comercial do Brasil; os Estados Unidos estavam empenhados em guerra na Ásia e todo o parque industrial americano trabalhava para a guerra.

Pedimos aos deputados federais amigos, Ernesto Pereira Lopes e Silvestre Ferraz Igreja que nos acompanhassem até o Ministro da Agricultura João Cleophas, no governo Getúlio Vargas, na tentativa de obter o trator por intermédio do mesmo. Qual não foi o nosso espanto quando ele nos respondeu que como usineiro em Pernambuco estava também com o mesmo problema, procurava em vão adquirir um trator.

Outra vez, o trator ficou parado por falta de peça, que não era encontrada em parte alguma: visitámos uma firma estrangeira, concessionária de venda de tratores e com parque imenso para conserto dos mesmos, comunicamos ao gerente a nossa situação de desespero. O gerente sorriu, mandou tirar de um trator à espera de conserto a peça que nós procurávamos e m'a entregou. Despiu um santo, vestiu outro.

Fomos vítimas de tentativas de invasão de terras, uma planejada por um fazendeiro de Marília. Fomos avisados a tempo que eles viriam acampar numa clareira da mata e lá os esperamos escondidos.

Quando chegaram de caminhão, nossos homens saíram da mata e apontando armas, gritaram: não desçam, mãos ao alto, senão morrem. Foram desarmados e presos, e levados à delegacia. O nosso administrador

em Panorama, era um homem destemido, Aguiar. O dono do caminhão, ajoelhado, pedia pelo amor de Deus que não lhe queimasse o veículo, fora ameaçado, pois, de nada sabia. Foi poupado.

De outra vez, um inglês fez à socapa uma casinha na mata para iniciar uma posse; o rancho foi queimado, e ele desarmado de um belo revólver que lhe devolvemos em Campinas. Ele nos exibiu um documento particular de venda de terras que poderia se colocar em qualquer ponto da terra - um coringa. Disse-lhe que colocasse o coringa em outro lugar.

A luta foi digna de um D. Quixote. José d'Incau, vendedor das terras, e que se tornou um amigo, numa de suas viagens à Itália trouxe-me de presente uma linda estatueta representando D. Quixote de La Mancha. Realmente, eu fora o D. Quixote do sertão.

Pagas todas as dívidas, sabe Deus com que sacrifício, abertas as ruas e estradas vicinais, vencidos já vários mandatos de Prefeito, doente, nos retiramos da empresa.

Dr. Prestes Maia, além de grande urbanista, era um homem desapagado de dinheiro: sentindo as dificuldades financeiras de Panorama, não apresentava a conta de seu laborioso e magnífico trabalho. Para pagá-lo, arbitrei no meu cérebro uma certa quantia, fui ao seu escritório em São Paulo, e não conseguindo que a recebesse, deixei o envelope com o dinheiro na sua escrivaninha e sai rápido de tal forma que ele não me alcançasse.

Tive companheiros dedicados que me ajudaram: no princípio Augusto Nadalutti, homem de ação e enérgico, e João Brasio, caráter sereno, entusiasta de empreendimento, espírito conciliador, e muito habilidoso na prática comercial. Um companheiro inesquecível, Rodion Podolsky ajudou-me muito, com os seus conselhos, era um gênio comercial, pessoa muito querida, meu companheiro na Companhia Imobiliária Campineira, homem de grande visão e um nobre nos gestos e atitudes, mas nunca tomou parte na Diretoria.

Dois moços italianos tentaram nos primeiros anos montar um estaleiro em Panorama para construção de barcos modernos; não tiveram êxito, Panorama ainda era sertão bravo.